



## O TRATADO DO AMOR CORTÊS E O COLAR DA POMBA: A SISTEMATIZAÇÃO DE UM IDEAL RELIGIOSO ATRAVÉS DO AMOR

Celia Daniele Moreira de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** No conceito de amor cortês podem ser encontrados diversos elementos islamizados: os trovadores do séc. XI não teriam apenas relido o amor platônico e ovidiano aos moldes de seu tempo, como também teriam se apropriado do pensamento islâmico de Al-Andalus sobre a temática do amor para construir toda a imagética da dama, o cavaleiro e o desenrolar amoroso. Esta suposição é corroborada por vários indícios, como o próprio uso do conceito de “amor cortês”, o qual, antes de aparecer no Ocidente Cristão, já era apropriado por poetas e filósofos andalusinos com a mesma compreensão. O próprio poeta cordovês Ibn Dawud (868-909) declarara em sua famosa obra “O Livro da Flor”: “A submissão à amada é a marca natural de um homem cortês”.

Pensando neste aspecto, trago neste artigo uma breve discussão sobre a possível influência da epístola árabe-cordovesa “O Colar da Pomba” de Ibn Hazm do séc. XI, na elaboração de “O Tratado do Amor Cortês” de André Capelão do séc. XII, comparação esta já defendida por diversos pesquisadores ocidentais e orientais, e ainda aberta a maiores problematizações.

**Palavras-chave:** amor cortês, Ibn Hazm, André Capelão

**Abstract:** "In the concept of courtly love, we can find several islamized elements: the troubadours movement from 11th century would not only reread platonic and ovidian love in the molds of your time, but also would have appropriated the Islamic thought of Al-Andalus on the theme of love to build all the imagery of the "lady", the "chivalry" and the "loving unfold". Thinking about this aspect, I bring in this article a brief discussion of a possible influence of the epistle arabic-cordoban "The Necklace of the Dove" by Ibn

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação de História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação do Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior e coorientação do Prof. Dr. Mamede Mustafa Jarouche (USP). Para o desenvolvimento desta pesquisa conta com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Seu e-mail de contato é: celia.daniele@yahoo.com.br

Hazm in the elaboration of "The Art of Courtly Love" by Andrew the Chaplain, a comparison already advocated by several researchers and still open to greater problematizations.

**Keywords:** courtly love, Ibn Hazm, Andrew the Chaplain

## I. Introdução

A elaboração de um conceito para a compreensão e o estudo do amor pode ser vista em diversas sociedades ao longo da história, sendo a mesma ainda passível de romper com as fronteiras culturais e linguísticas do tempo, e dialogar com outras elucubrações sobre o mesmo tema em diversas épocas.

Os autores mais evocados para se pensar numa influência universal a respeito da conceituação do amor são, recorrentemente, Platão e Ovídio, estes sempre lembrados pelos tradutores e críticos ao lerem “O Tratado do Amor Cortês” de André Capelão. Tal aproximação entre Capelão e Ovídio e Platão visaria, mais uma vez, comprovar uma releitura das obras clássicas a respeito do amor, ainda que original pela associação da temática com seu contexto de produção.

Entretanto, de todas as obras relativas ao amor, será que apenas Platão e Ovídio seriam relidos ao longo do tempo? Tal julgamento parece um tanto reducionista, ao mesmo tempo pretensioso, visto que considera tais autores unânimes entre os antigos e novos pensadores para criticar e conceber as relações amorosas, ao mesmo tempo em que exclui os demais pensadores que circulavam na época, desconsiderando a proveitosa produção literária, sobretudo árabe-islâmica, sobre o mesmo tema, e que estava, sem dúvida, em contato com o meio erudito de André Capelão.

Considerando tal ponto, Ibn Hazm é um autor recorrentemente citado para exemplificar a conceituação do amor *udri*<sup>2</sup>, elaborando um modelo para identificar os sinais do amor e usá-lo a favor da religião, e possuindo muitas semelhanças com “O Tratado do Amor Cortês”. Tendo sido escrito aproximadamente um século antes do tratado de André Capelão na região islamizada da Península Ibérica, o contato de sua obra com a corte francesa não pode ser descartado, ainda mais ao se verificar as semelhanças que ambas as obras guardam entre si.

---

<sup>2</sup> Este “amor *udri*” é proveniente de uma tribo nômade do Iêmen chamada Banu Udra, “filhos da virgindade”, que praticava uma abstinência de contatos físicos e sexuais a fim de obter uma união intelectual (das almas) entre os amantes, tornando o ser amado a própria manifestação divina. (MUJICA PINILLA, 1990: 82).

Desta forma, pretendo neste artigo exemplificar as correspondências entre as obras e discutir a coerência de suas aproximações.

## II. Ibn Hazm e “O Colar da Pomba”

Nascido em Córdoba, em 994, a vida de Ibn Hazm sofreu um grande revés com a queda do Califado Omíada, quando sua família perdera todos os bens e fora expulsa da cidade (GARCÍA GÓMEZ, 2008: 38-39). “O Colar da Pomba” começou a ser escrito por volta de 1023, em resposta a um amigo, quando o autor se encontrava em exílio na cidade de Játiva, e ainda lutava pela restauração do poder omíada. Como sustentam alguns estudiosos, o último capítulo de sua epístola provavelmente fora escrito no final de sua vida, tendo em vista a drástica mudança de tom em relação aos demais, passando da exaltação do amor para a “excelência da castidade” (SANCHEZ RATIA, 2009: XX). O mesmo relata no epílogo:

Milagre é que um ânimo como o meu tenha podido sequer lembrar-se de alguma coisa, conservar algum rastro e evocar o passado, depois do ocorrido e do que me sobreveio. Pois você sabe bem que minha cabeça está transtornada e destroçado está meu ânimo por causa da situação que me encontro: desterrado de meu lugar, distanciado de minha pátria, assediado pelo destino, em desgraça com os poderosos; padecendo deslealdade dos amigos, circunstâncias adversas, mudanças de sorte, perdas de fortuna, privado de meus próprios bens herdados, despossuído do que juntaram meus pais e avós, errante por essas terras, sem dinheiro, nem poder, pensando sempre como levar adiante minha família e meus filhos, desesperado por regressar a casa dos meus, juguete do destino, e à espera do que decidam os decretos de Deus. (IBN HAZM, 2008:332) (tradução minha).

Apesar do caráter pessimista de seu desfecho, a epístola como um todo propõe-se a revelar o que é o amor e como identificá-lo, utilizando as memórias de Ibn Hazm da vida aristocrática do califado em sua juventude para exemplificar suas passagens.

A relação com o amor cortês fora proposta já em sua primeira tradução, em 1931, por A. R. Nykl, que estabeleceu inclusive aquilo que considerou semelhante ao tratado de André Capelão (GARCÍA GÓMEZ, 2008: 338). Após essa primeira aproximação, outros estudiosos, até mesmo no Oriente, como Sayrafi, Taher Makki, Ahsan Abbas e Salah al-Din al-Qasimi, estudaram a relação de “O Colar da Pomba” com o amor cortês (SANCHEZ RATIA, 2009: XI). De uma maneira geral, não apenas Ibn Hazm teria tal relação, mas também e principalmente a poesia folclórica árabe da Península Ibérica medieval, chamada de *Zajal* ou Muachacha. Tal estilo poético tinha como representantes

os menestréis peregrinos, como Ibn Quzman, que teriam influenciado os trovadores por intermédio dos moçárabes (PAULA, 1952: 249).

### III. André Capelão e “O Tratado do Amor Cortês”

Pouco se sabe sobre André Capelão e muito se deduz a partir de sua única obra, “O Tratado do Amor Cortês”. O mesmo também aparece como testemunha de títulos de propriedade entre 1182 e 1186 concedidos pela condessa Maria de Champagne, a qual alguns autores consideram a destinatária de sua obra (BURIDANT, 2000: IX). A sua formação clerical, entretanto, é confirmada pela leitura de seu tratado, por conter inúmeras referências bíblicas, que em sua época teriam relação unicamente com uma atividade eclesiástica (BURIDANT, 2000, X-XII).

Quanto à datação da obra, a mesma é datada pelo autor em 1174, mas como se trata de uma carta fictícia, tal ano não é considerado oficialmente. A história que o mesmo relata a respeito das “riquezas da Hungria” (CAPELÃO, 2000: 56-57) faz remeter sua obra ao final do séc. XII, em 1186, quando o rei húngaro Bella III se casou com Margarida de França, filha de Luís VII, pois o pedido de casamento daquele ousara em magnificência e ostentação (BURIDANT, 2000: XV), fato que marcara a época.

O tratado de André Capelão é considerado um manual para compreender os novos padrões de sensibilidade à maneira dos tratadistas medievais a respeito do amor cortês (BARROS, 2011: 196). Os princípios fundamentais do “amor sutil” estariam expressos neste tratado: dividido em três livros, o primeiro trataria da descrição do amor cortês; o segundo a exemplificar a sua ação sobre diversas classes de homens e mulheres, que dialogam entre si; e o terceiro, paradoxalmente, traria o oposto daquilo pregado pelos demais livros, ao descrever os males do amor e denegrir a imagem feminina, anteriormente tida como a superior no jogo amoroso (BARROS, 2011: 203). As implicações para essa mudança de postura ainda não foram satisfatoriamente explicadas, mas são avaliadas como uma expressão da misoginia de sua época.

A maioria dos tradutores e dos estudiosos deste tratado associa-o à obra de Ovídio. De fato, Capelão cita Ovídio (CAPELÃO, 2000: 18) para exemplificar passagens sobre o amor, entretanto a maioria das citações não é direcionada ao poeta, mas citadas como “máximas”, expressões ouvidas e aprendidas no cotidiano pelo autor, dando a entender que as mesmas não foram provavelmente apreendidas por um contato direto com a obra ovidiana (FUENTES, 1992: 54). Tal associação, muitas vezes, forçada, reduz a possibilidade de uma leitura para além da relação entre obras clássicas ocidentais, como

é no caso da semelhança entre o tratado e Ibn Hazm. Ademais, enquanto Ovídio elabora um conjunto de normas ou receitas para que o amante, nas “batalhas amorosas”, possa encontrar o objeto de seu amor, ao encaminhar seus esforços para conquistar uma jovem e ter êxito na duração do amor, Ibn Hazm e André Capelão se aproximam ao fazer uma análise mais sutil da definição do amor, de seus aspectos, causas e acidentes, e quando este acontece, destacando o espírito cortês, o qual não se encontra em Ovídio (FUENTES, 1992: 58).

#### IV. “O Colar da Pomba” e “O tratado do amor cortês”: um diálogo possível

As semelhanças entre Ibn Hazm e André Capelão começam a partir do índice de ambas as obras, como exemplifico a seguir:

##### O Colar da Pomba

- |   |                                     |
|---|-------------------------------------|
| 1. A essência do amor   | 14. Sobre a submissão               |
| 2. Sinais do amor   | 15. Sobre a contradição             |
| 3. Sobre quem se apaixona em sonhos   | 16. Sobre aquele que mostra faltas  |
| 4. Sobre quem se apaixona por ouvir falar do amado                                    | 17. Sobre o amigo favorável         |
| 5. Sobre quem se apaixona só com um olhar   | 18. Sobre o espião                  |
| 6. Sobre quem não se apaixona senão após um longo tratamento                          | 19. Sobre o caluniador              |
| 7. Sobre quem, havendo amado uma determinada qualidade, não pode amar outra contrária | 20. Sobre a união amorosa           |
| 8. Sobre alusões verbais  | 21. Sobre a ruptura                 |
| 9. Sobre as senhas feitas com os olhos  | 22. Sobre a lealdade                |
| 10. Sobre a correspondência   | 23. Sobre a traição                 |
| 11. Sobre o mensageiro  | 24. Sobre a separação               |
| 12. Sobre a guarda do segredo   | 25. Sobre a conformidade            |
| 13. Sobre a divulgação do segredo   | 26. Sobre a enfermidade             |
|   | 27. Sobre o esquecimento            |
|   | 28. Sobre a morte                   |
|   | 29. Sobre a feiura do pecado        |
|   | 30. Sobre a excelência da castidade |
|   | 31. Epílogo                         |

##### O Tratado do Amor Cortês

Livro I:

1. O que é o amor?

- |  |   |
|--|---|
| 2. Pessoas entre as quais o amor é possível        | Livro II: Como manter o amor                            |
| 3. De onde vem o seu amor?                         | 1. Como conservar o amor depois de usufruí-lo           |
| 4. Quais os efeitos do amor?                       | 2. Como podemos progredir o amor de que gozamos         |
| 5. Quais são as pessoas capazes de amar?           | 3. Como o amor pode declinar                            |
| 6. Quantos e quais são os meios para obter o amor? | 4. Como cessa o amor                                    |
| 7. Do amor dos clérigos                            | 5. Dos sinais indicativos de que o amor é correspondido |
| 8. Do amor das religiosas                          | 6. Se um dos amantes é infiel                           |
| 9. Do amor que se obtém pagando                    | 7. Diversos julgamentos de amor (Julgamento I ao XXI)   |
| 10. Deveremos receber aquilo que pedimos?          | 8. Das regras do amor                                   |
| 11. Do amor entre rústicos                         | Livro III: Da condenação do amor                        |
| 12. Do amor das cortesãs                           |   |

Ao verificar os títulos dos capítulos, ainda sem se aprofundar no conteúdo que os mesmos tratam, percebe-se uma semelhança na organização e desenvolvimento de ambos os tratados, principalmente no início e no final. Tanto Ibn Hazm quanto Capelão começam definindo o que é o amor, a sua estrutura, para então entrar nos exemplos de sua ação; no primeiro, nos exemplos de como o amor pode ser percebido, e no segundo nas classes sociais em que o mesmo se evidencia. No final, ambos convergem ao denunciarem o vilipêndio do amor, elevando a castidade e o amor a Deus como aquilo que deve ser buscado e alcançado pelo fiel, seja muçulmano em Ibn Hazm ou cristão em Capelão, tanto desvelando as mazelas deste sentimento infligidas ao homem (IBN HAZM, 2008: 314-315) quanto as artimanhas femininas a condenar o mesmo ao inferno (CAPELÃO, 2000: 290-292).

Passando para o prólogo, verificamos a mesma estrutura remetendo a uma carta a um destinatário desconhecido: Ibn Hazm chama-o apenas de amigo, enquanto Capelão lhe dá o nome de Gautier, alcunha tão comum em seu tempo que impede sua identificação, caso o mesmo tenha existido (BURIDANT, 2000: XXIV). No entanto, enquanto no texto de Ibn Hazm há elementos que indiquem a existência real deste amigo não nomeado, pela forma como o verbo em árabe lhe é direcionado ao longo da epístola, até mesmo em seu final deslocado (SANCHEZ-RATIA, 2009:7), a presença do destinatário na obra de Capelão aponta apenas para um recurso literário, que tornaria mais dogmático seu tratado

(BURIDANT, 2000: XXV), mas que poderia ser justificada pela influência de “O Colar da Pomba”.

Ao longo do texto, verificam-se outros elementos que são construídos e abordados pelos autores de forma muito semelhante. O primeiro deles a comentar aqui é o papel da mulher em ambas as obras: tanto Ibn Hazm quanto Capelão elaboram duas imagens opostas do feminino, basicamente opondo-se entre adoração e misoginia. Em “O Colar da Pomba” a mulher pode ser usada para a elevação espiritual por meio do “amor verdadeiro”, sendo um veículo para a teofania divina. Da mesma forma em “O Tratado do Amor Cortês”, a mulher conduz o cavaleiro, inspira seu amor, ensina-lhe as suas sutilezas, e a sua figura possui caráter iniciático tal qual uma religião, ainda que seja a sua distância mais que sua presença que promova toda a elevação do espírito do homem (MACEDO, 2002: 75-76). Em contrapartida, ambos os autores denigrem a imagem feminina quando esta é deslocada do seu caráter inspirador no amor para a sua natureza física e social; Ibn Hazm alerta sobre as mesmas:

Fui muito íntimo das mulheres e conheço tanto seus segredos, que apenas não há quem os saiba melhor, pois me criei no seu colo e cresci em sua companhia, sem conhecer ninguém a não ser elas, e sem tratar com homens até chegar à idade da puberdade, quando a barba começou a cobrir meu rosto. Elas me ensinaram o alcorão, me recitaram não poucos versos e me instruíram a ter uma boa caligrafia. Desde que cheguei ao uso da razão, ainda na tenra infância, não me empenhei mais, nem usei mais a inteligência em outra coisa que saber o que as preocupa, em estudar o que as diz respeito, e como chegar a esses conhecimentos. Logo, não me esqueci de nada do que nelas vi. Por causa disso, nasceu em mim uma imensa desconfiança das mulheres, chegando a ser algo natural em mim, e a má impressão que tenho delas, que se tornou congênita em minha alma. (IBN HAZM, 2008, p. 174-175) (tradução minha).

Da mesma forma, André Capelão adverte quanto ao mau caráter das mulheres:

Condenamos também os amantes por outra razão: uma mulher não corresponderia a teu amor como esperas que o faça, pois nunca mulher alguma sentiu afeição por um homem ou pôde ligar-se a um amor por laços mútuos; se as mulheres amam, é para enriquecer, e não para dar ao parceiro as alegrias que ele espera; e não deve isso surpreender, pois é natural. Por que, pela própria natureza de seu sexo, todas as mulheres são contaminadas pelo pecado da avareza e da cupidez: estão sempre à cata de ganhos e lucros, e têm vivo interesse pelo ouro. Percorri muitas partes do mundo e fiz investigações minuciosas: não encontrei ninguém que afirmasse ter conhecido mulher que não pedisse com insistência aquilo que não lhe é oferecido espontaneamente ou que não adiasse a

concessão de favores à espera de ricos presentes, sejam estes dados de livre vontade ou exigidos. (CAPELÃO, 2000: 289)

Cabe ressaltar que tais relatos não se encontram no capítulo final das obras, quando seu tom se altera para um pessimismo e religiosidade extrema, mas ao longo de todos os capítulos alternam-se exemplos em que a mulher ora é alçada ao mais alto grau de consideração, ora é tida como de baixo caráter, interesseira e digna de desconfiança. Tal diferença pode-se justificar pelo fato que nas passagens em que a imagem feminina é adorada, não é a mulher que traz em si o motivo desta adoração, mas a extrapolação do divino na sua figura, o qual é alcançado através do amor (MUJICA PINILLA, 1990: 27). Assim, a mulher é mero veículo do amor para que o homem atinja a sua elevação espiritual, pois o seu amor não é devotado a ela, mas para além dela, para um contato direto com Deus.<sup>3</sup>

Aliado a este aspecto, temos outro elemento a ser comparado entre os autores, a união sexual. Capelão e Ibn Hazm distinguem dois tipos de amores que se relacionariam com a união sexual dos amantes: para o primeiro, haveria o amor puro (*amor purus*) e o amor misto (*amor mixtus*), para o segundo o amor verdadeiro (*hubb*) e o amor carnal (*ishq*), extremamente relacionáveis em suas analogias.

Para Capelão, a diferença entre o amor puro e o amor misto seria:

É o amor puro que une os corações de dois amantes com toda a força da paixão. Consiste na contemplação do espírito e nos sentimentos do coração; vai até o beijo na boca, o abraço e o contato físico, mas pudico, com a amante nua; o prazer último está excluído, sendo ele vedado a quem queira amar na pureza. É essa espécie de amor que devem apegar-se com todas as forças aqueles que pretendem amar, pois ele nunca para de fortalecer-se e não sabemos de ninguém que tenha jamais lamentado dedicar-se a ele; e quanto mais dádivas ele nos oferece, mais dádivas queremos. [...] Mas chama-se amor misto o amor que se realiza em todos os prazeres da carne e cujo ponto culminante está no ato último, obra de Vênus. Qual é a natureza deste amor? Pelo que dissemos antes, será fácil descobrir: ele acaba depressa, dura pouco, e frequentemente nos arrependemos de lhe termos cedido, pois, com isso, ofendemos o próximo, cometemos uma injúria contra o Rei dos Céus, e ficamos expostos a grandes perigos (CAPELÃO, 2000: 161-163).

Para Ibn Hazm, a diferença entre o amor verdadeiro e o amor carnal se explicitaria mais sucintamente nesta poesia:

---

<sup>3</sup> Em Ibn Hazm, diferentemente de André Capelão, o amor também pode ser devotado a um homem. Entretanto, a sua consumação é terminantemente proibida, o que eleva ainda mais o caráter doutrinador deste amor, pois o amante apenas poderá devotar o seu amor a seu/sua amado/a como uma forma de elevação espiritual.



Meu amor por ti, que é eterno por sua própria essência,  
 Chegou a seu apogeu, e não pode minguar nem crescer.  
 Não tem mais causa nem motivo que a vontade de amar.  
 Deus me livre que algum outro te conheça!  
 Quando vemos que uma coisa tem sua causa em si mesma,  
 Goza de uma existência que não se extingue jamais;  
 Mas se tem em algo distinto.  
 Cessará quando cesse a causa de que depende. (IBN HAZM, 2008: 104)

O amor pelo amor seria o amor verdadeiro, pois ele teria a causa em si mesmo, e proviria da alma, não se associando a um estímulo meramente corpóreo (IBN HAZM, 2008: 105-106). Para ele, enquanto o amor verdadeiro elevaria a alma, o carnal ater-se-ia somente a uma satisfação dos sentidos, findando assim que consumado (MUJICA PINILLA, 1990: passim). Tanto para Capelão quanto para Ibn Hazm estes dois amores possuiriam a mesma essência, porém com objetivos distintos, o que propiciaria a sua consagração ou rechaçamento.

Nesse sentido, os autores novamente aproximam-se desta distinção do amor no conceito de beleza. Capelão fala: “Amor é uma paixão natural que nasce da visão da beleza do outro sexo e da lembrança obsedante dessa beleza.” (CAPELÃO, 2000: 5). Logo adiante ele acrescenta: “[...] nenhuma beleza tem atrativos quando faltam qualidades da alma, e só as virtudes da alma conferem ao homem a verdadeira nobreza e lhe dão o esplendor da beleza.” (CAPELÃO, 2000: 19). Tal afirmação assemelha-se fortemente a Ibn Hazm, quando este diz:

Tocante ao feito de que nasça o amor, na maioria dos casos, é pela forma bela, é evidente que, sendo a alma bela, suspira por tudo o que é belo e sente inclinação pelas imagens perfeitas. Quando vê uma delas, ali se mantém fixa. Se logo distingue por trás desta imagem alguma coisa que lhe seja afim, se une a ela e nasce o verdadeiro amor; mas se não distingue atrás dessa imagem nada afim a si, sua afeição não passa da forma e fica no apetite carnal. Em todo o caso, as formas são um maravilhoso meio de união entre as partes separadas das almas. (IBN HAZM, 2008: 108).

O amor ainda traz efeitos e consequências ao amante, e sobre este tópico Capelão e Ibn Hazm exemplificam em seus escritos de forma semelhante. Capelão relata:

[...] o amor faz um homem grosseiro e sem educação brilhar de elegância; até a um homem de baixíssimo nascimento ele pode conferir nobreza de caráter; enche o orgulhoso de humildade, e graças a ele o amante acostuma-se a prestar com prazer serviços aos outros. Que coisa

extraordinária o amor: permite que tantas virtudes brilhem no homem e confere tantas qualidades a todos os seres, quaisquer que sejam. (CAPELÃO, 2000: 12-13).

Ibn Hazm da mesma forma diz:

Pelo amor, os avarentos se tornam desprendidos; os intratáveis desenrugam o cenho; os covardes se tornam valentes; os ásperos se tornam sensíveis; os ignorantes se tratam; os desalinhados se esmeram; os sujos se limpam; os velhos se portam como jovens; os ascetas rompem seus votos; e os castos se tornam dissolutos. (IBN HAZM, 2008: 113-114).

Por fim, o elemento “fé” é um aspecto extremamente presente e que permeia as passagens amorosas dos autores. Para Ibn Hazm, toda a dinâmica amorosa está relacionada a um contexto maior, na relação entre homem e Deus; é o Criador que concede o amor, cabe ao crente respeitar a Lei e usar tal sentimento para se elevar espiritualmente (MUJICA PINILLA, 1990: 27). Da mesma forma para Capelão, a dinâmica amorosa está atrelada a um ideal religioso, quando associa Vênus/Eros ao amor carnal, e o amor puro a Deus, o “Rei dos Céus”. O amor não deve afastar o fiel de Deus, portanto, é por isso que os dois autores reforçam a busca pelo amor mais elevado, casto, aquele que ao invés de atender ao corpo, atenderá à alma.

Essa faceta é extremamente forte no último capítulo de “O Colar da Pomba” e de “O Tratado do Amor Cortês”, quando a temática se volta fortemente à escatologia, muçulmana e cristã, advertindo o destinatário da obra para que esteja em retidão no dia do Juízo Final. O estado como ele deve encontrar-se com Deus e “prestar suas contas” o tempo todo é remetido ao que ele fez do amor que recebeu, se o tornou digno de um servo de Deus ou cometeu um pecado. Apesar de parecer ser uma mudança drástica, ao longo de toda a obra, os autores levantam questões sobre a importância do caráter religioso do amor na vida do crente, pois ele não escolhe quem amar, mas escolhe como irá concretizar este amor. Ibn Hazm salienta:

[...] ao muçulmano deve bastar abster-se das coisas proibidas por Deus Honrado e Poderoso, que possa cometer em uso de seu livre arbítrio e daquilo que se há de pedir contas no dia da ressurreição; mas se em um agradar a formosura e se o amor se apoderar de outro, é uma coisa natural, que não está mandada, nem velada, porque os corações estão nas mãos d’Aquele que os governa e só estão obrigados a conhecer e perceber a diferença que há entre o que é pecado e o que não é, e crer com firmeza no que é verdadeiro. O amor é uma espécie de natureza, e

o homem só tem poder sobre os movimentos livres de seus órgãos. (IBN HAZM, 2008, p. 151-152)

André Capelão explora bastante uma argumentação misógina para exemplificar que o mais importante na vida do amante é estar reto diante de Deus, e não conquistar corações femininos (CAPELÃO, 2000: 305). Enquanto a mulher é usada para essa elevação espiritual, ela tem o seu valor, ela é a dama. Todavia, quando a mesma é vista pela sua própria natureza, sem o viés divino para além das aparências, ela é um ser ignóbil:

Não vás tu, respeitável amigo, desperdiçar teus dias a amar o que é claramente tão condenável por todos os motivos que enumeramos. Pois se o amor te priva das graças do Rei dos Céus, e te afasta de todos os amigos sinceros, se te arrebatam todas as honras do mundo e arruína a boa reputação de que gozas, se engole com voracidade todas as riquezas, e dele, como dissemos, procedem todos os males, por que desejar estupidamente amar? Seria possível extrair dele algum bem que compensasse todos esses inconvenientes? Apesar de todos os esforços, como já demonstramos, não poderias encontrar no amor o essencial, ou seja, a alegria de ver teus sentimentos compartilhados, pois nenhuma mulher corresponde ao amor de um homem. (CAPELÃO, 2000: 304-305).

Apesar de não ter a mesma ênfase misógina no seu final, Ibn Hazm alterna da mesma forma essa visão do feminino, elencando a castidade e a relação entre o homem e o divino por meio da religião como a forma mais sublime do verdadeiro amor:

Portanto, para aquele que conheça Quem é seu Senhor e o valor de Sua benevolência e de Sua cólera, não de ser breves os efêmeros prazeres e as curtas vaidades do mundo. Claro, se também nos fez ameaças, cuja única notícia nos provoca arrepios e derrete nossas almas, e nos anunciou promessas que superam nossas maiores esperanças? Como poderá ser roubada a obediência a este Rei Excelso? Como pode desejar um deleite passageiro, sem que seja passageiro o arrependimento que se forma, nem se acabem as consequências que arrasta, nem cesse a afronta do que o comete? Até quando durará esta pertinência, havendo ouvido o exortador, e quando já parece que o camelo nos atrasa o caminho da eterna mansão, seja esta o céu ou o inferno? Não é um manifesto equivocado teimar em semelhante coisa? (IBN HAZM, 2008: 321).

## V. Conclusão

A comparação entre “O Colar da Pomba” e “O Tratado do Amor Cortês” é plenamente possível, porém mais do que apenas uma seleção das semelhanças entre as obras, é importante aprofundar a leitura e verificar seus contextos de produção e outras

possíveis influências, como de Platão, em ambas as obras, e de Ovídio em Capelão, a fim de se evitar aproximações forçadas e uma má compreensão das alusões e das escolhas de cada autor.

A breve comparação aqui apresentada indica, ainda assim, que o diálogo entre estas obras é plausível, e plenamente verificável, visto que a linha de raciocínio dos autores se mostra muito próxima, havendo elementos que dialogam e se assemelham, e que aparecem ao longo do texto de ambos praticamente na mesma ordem, culminando no desfecho paradoxal para o tema e na apresentação das obras, que versam sobre o domínio do amor.

A conclusão com a excelência da castidade, ainda que soe deslocada do restante do discurso de Capelão e de Ibn Hazm, reflete, acima de tudo, uma sistematização de um ideal religioso, seja ele cristão ou muçulmano, por meio do amor: ao se compreender as características do amor, o crente escolhe como se valer dele para glorificar a Deus ou ao seu próprio corpo.

## VI. Referências bibliográficas

Fontes:

CAPELÃO, André. **Tratado do Amor Cortês**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

IBN HAZM de Córdoba, **El Collar de la Paloma**. Tradução de Emílio García Gómez. Salamanca: Alianza Editorial, 2008.

Bibliografia:

BARROS, José A. O Amor cortês – suas origens e significados. **Raído**, Dourados, MS, v. 5, n. 9, p. 195-216, jan./jun. 2011.

BURIDANT, C. Introdução. In: CAPELÃO, André. **Tratado do Amor Cortês**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FUENTES, Álvaro G. El amor hace sutil al hombre. Ibn Hazm de Córdoba y la tradición románica. **Revista Anaquel de Estudios Arabes**, Madrid, III 1992, p-53-60.

GARCÍA GOMEZ, E. Introducción. In: IBN HAZM de Córdoba. **El Collar de la Paloma**. Tradução de Emílio García Gómez. Salamanca: Alianza Editorial, 2008. p. 31-91.

MACEDO, Rivair. **A mulher na idade média**. São Paulo: Contexto, 2002.

MUJICA PINILLA, R. **El Collar de la Paloma del Alma**: Amor sagrado y amor profano en la enseñanza de Ibn Hazm y de Ibn Arabi. Madrid: Hipérion, 1990.

PAULA. S. Prof. Philip K. Hitti. **Revista de História**, São Paulo, vol. 4, n. 9, p. 248-256, 1952.

SÁNCHEZ-RÁTIA, J. Quince bagatelas en torno a Ibn Hazm. In: IBN HAZM al-andalusi. **El Collar de la Paloma. El Collar de la tórtola y la sombra de la nube**. Tradução de Jaime Sánchez Ratia. Madrid: Hiperión, 2009. p. I – XLV.